

Pt. 9 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 15/02/2017

À medida que a escuridão se aproxima, encontro-me sendo arrastada cada vez mais fundo para as profundezas do meu próprio subconsciente, até mergulhar num lugar indescritível. Um vazio sem características, sem direção e atemporal que existe no ponto mais fraco da vida.

Posso sentir-me à deriva, entregue a uma maré quase imperceptível, arrastada lenta mas inexoravelmente para fora do mundo.

O resto da noite se desenrola em instantâneos fugazes.

Sinto brevemente meu corpo se erguer do chão, a gravidade puxando meus membros enquanto sou transportada pela floresta.

Um período de tempo desconhecido se passa até que sinto uma sensação distinta de queimação à minha direita. No mundo em que habito atualmente, apenas um eco da dor chega até mim, mas posso dizer que já foi substancial. Incapaz de adivinhar o seu propósito, deixei a sensação desaparecer, antes de descer mais uma vez para a escuridão plácida.

Quando meus olhos finalmente se abrem, o sol está começando a nascer. Sem um pingote de força em meu corpo, tudo que posso fazer é olhar através dos meus cílios, absorvendo a vaga cena diante de mim.

Estou na traseira do Wrangler, encostada em uma coluna macia de bagagem. Há alguém ajoelhado ao meu lado, puxando meu ombro direito. Quando tento abordá-lo, descubro que minha voz se transformou em um sussurro espectral, tão frágil que quase não existe.

AS: ... Rob...

Ao ouvir minha voz, a figura se vira e se ajoelha diante de mim, olhando nos meus olhos enquanto eles lentamente recuperam o foco.

ROB: Relaxe, Srta. Sharma, acabei de remendar você, mas preciso ter certeza de que foi um bom trabalho.

AS: O que... O que aconteceu com você?

ROB: Denise me apontou uma arma e tive que agir como se eu estivesse quase morto. Quando ela entrou na floresta, eu me libertei, levei o kit médico para perto das árvores, me preparei como pude. Eu estava vindo ajudar quando ouvi um barulho horrível. Fui dar uma olhada... Foi quando te encontrei.

AS: ... O motor está funcionando?

ROB: Queria aquecer o lugar para você. Você estava em choque, e como a bateria não acaba mais, pensei-

AS: Não, quero dizer... Como? A chave, ela tem-

ROB: Você acha que eu arriscaria chegar até aqui com apenas uma cópia da chave do meu carro?

Rob parece quase insultado e, pensando em tudo que aprendi sobre ele ao longo desta viagem, posso entender por que ele se sente assim. Mesmo no meu estado enfraquecido, não consigo deixar de rir; embora reconhecidamente saia como um chiado afetado, difundindo-se silenciosamente no ar.

AS: Não, isso é... Na verdade é muito "você". Acho que Bluejay teria apreciado essa informação ontem à noite.

ROB: Sim, bem, ela não perguntou.

AS: ... Estou feliz que você tenha conseguido, Rob.

ROB: Que bom que você também conseguiu. Eles fazem pessoas duronas em Londres.

Apoio a cabeça na bagagem.

AS: Eu sou de Bristol.

ROB: Claro... Sim, claro que isso... Desculpe...

Rob tenta recuperar o sorriso, mas ele escapa rapidamente de seu rosto. Na sua ausência, suas feições se transformam em uma tristeza repentina e incontrolável.

ROB: Senhorita Sharma, sinto muito! Eu sinto muito!

O rosto desgastado de Rob Guthard explode em uma confusão de lágrimas. Ele repete essas duas palavras enquanto se aproxima de mim, jogando os braços em volta da minha cintura e apoiando a cabeça no meu ombro esquerdo. Minha mão parece chumbo quando a levanto e aliso seu cabelo, segurando-o contra mim.

Enquanto o homem continua a soluçar, deixo minha cabeça rolar lentamente para a direita, observando o dano em meu braço. Ontem à noite, perdida nas convulsões do choque, o dano foi incalculável, os detalhes abafados pela névoa abrangente da grave perda de sangue e por um alarme estridente e primitivo que me forçou a me mover sem questionar o porquê. Agora

que estou do outro lado, banhada pelo calor silencioso do Wrangler, posso avaliar completamente a extensão da minha lesão.

Tudo abaixo do meu cotovelo direito desapareceu.

Parece quase um sonho. Meu braço está praticamente imaculado, exceto por alguns hematomas escuros da queda da noite passada, mas desce uma distância impossivelmente curta antes de terminar em um coto rombudo e surreal. A ferida em si está oculta, envolta em bandagens brancas e frescas.

Não consigo entender como deveria me sentir e, conseqüentemente, pareço não sentir nada.

AS: Está tudo bem, Rob. Tudo bem.

ROB: Eu nunca... Eu nunca quis nada disso-

AS: Eu sei... Eu sei.

Rob se afasta, seus olhos ainda lacrimejando.

ROB: Vou te levar para casa, ok? Encontrarei um lugar para fazer a curva e levaremos você para casa.

Posso dizer que a oferta de Rob é genuína e, para ser sincera, estou um pouco surpresa. Ainda me lembro do nosso acordo verbal, forjado na entrada do túnel; que ele não daria meia-volta com o carro até chegar ao fim da estrada. Eu nunca esperei que ele fosse renegar o acordo.

Estou ciente de que esta pode ser minha melhor chance de deixar tudo para trás; fugir dos horrores da estrada, antes que eles tomem ainda mais de mim. Eu sei o caminho de volta. Eu sei que isso leva à segurança, à família, à abençoada normalidade. No entanto, como uma voz traiçoeira no fundo da minha mente observa silenciosamente, isso não leva a respostas.

AS: ... Ainda estou no jogo se você estiver.

Rob me envia um sorriso de coração partido, que eu retribuiria se tivesse forças. Naquele momento, um entendimento sombrio se desenvolve entre nós. Uma compreensão de que depois de tudo o que vimos, de tudo o que aconteceu, ambos ainda estamos escolhendo os segredos do caminho. A decisão revela algo sobre nós, expondo uma força motriz por trás das nossas ações que nega a nossa preocupação com a sobrevivência e ofusca os protestos imaginários dos nossos entes queridos.

É uma decisão que apenas duas pessoas partidas tomariam.

Rob passa a manhã arrumando o Wrangler, me dando tempo para descansar. O fato de ele estar andando por aí é notável, ainda mais conduzindo sua rotina habitual em seu ritmo já conhecido. À medida que começo a sentir a vida voltar lentamente às minhas veias, pergunto-me se a estranha força que nos sustentou, bem como o depósito de combustível do Wrangler, também poderia ter um ligeiro efeito restaurador. A ideia deveria me trazer conforto; em vez disso, sinto-me como uma lagosta num tanque.

Algumas horas depois, Rob me tira do carro e me deixa descansar no batente da porta. À minha frente estão três montes de terra, ligeiramente levantados da terra circundante. Dois são encabeçados por cruzes, formadas por varas com nós bem amarradas. O túmulo na extrema esquerda está vazio, desprovido de qualquer filiação religiosa.

AS: Isso é... De Bluejay? Sem a cruz?

ROB: Não achei que ela iria querer uma.

AS: Ela não teria feito isso por você, você sabe.

ROB: Ainda bem que não sou ela então. Enterrei o que pude, mas esse era o estado em que ela estava. A criança a matou?

Rob se prepara para jogar uma pá dobrável na traseira do carro. Por um breve momento, considero deixar sua declaração sem resposta.

AS: Não, não... Eu fiz isso.

Rob imediatamente marcha de volta, com a testa franzida em confusão.

AS: Escondi uma carga C4 na minha mochila. Quando ela pegou a bolsa eu... Bem...

Aponto para a sepultura nua. Rob parece estar me vendo pela primeira vez.

ROB: Onde você-

AS: Do carro do seu filho.

Observo enquanto minha afirmação silenciosa atinge os ouvidos de Rob, enquanto seu significado penetra em sua consciência, suas implicações contorcendo suas feições em um olhar de vergonha e revelação condenatória.

Posso dizer pela reação dele que acertei.

Não tivemos oportunidade de conversar desde que descobri o nome do filho dele. Essa informação formou o fio condutor, unindo as descobertas estranhas e aparentemente

incongruentes que encontrei na estrada. No início da semana, talvez eu estivesse preocupado em confrontá-lo com essa informação, mas as coisas estão diferentes agora. Chegamos longe demais, passamos por muita coisa e, se ele realmente está me transportando para algum lugar com intenções maliciosas, estou impotente para detê-lo de qualquer maneira.

Levanto uma mão fraca em direção a ele; um pedido silencioso de ajuda.

AS: Acho que é hora de fazermos uma segunda entrevista.

Após um silêncio tenso e culpado, Rob simplesmente balança a cabeça e me ajuda a sentar no banco do passageiro.

ROB: Não era militar. Era comercial.

O Wrangler continua a rastejar pela floresta. Fiquei quieta por quase meia hora, deixando Rob formular uma resposta com suas próprias palavras e em seu próprio tempo.

AS: Comercial?

ROB: Sim, cargas explosivas para demolição controlada. Bobby estava no ramo, tinha sua própria empresa.

AS: Você deve ter ficado orgulhoso.

ROB: Sim... Sim, ele construiu aquele lugar do nada. Visitar seu escritório foi um dos melhores dias da minha vida.

AS: Então... Como ele veio parar aqui?

Rob fica quieto, aceitando com relutância que terá que começar do início.

ROB: ... Bobby era um garoto inteligente... Mais inteligente do que eu jamais fui. Ele poderia ter administrado a fazenda aos 15 anos, mas a vida no campo não funcionou para ele. Em vez disso, mudou-se para Phoenix, obteve um diploma universitário e conseguiu uma carreira estável.

AS: Uma carreira estável? Isso é bastante rebelde para um Guthard.

ROB: Haha... Bem, éramos pessoas bem diferentes... Nem sempre nos dávamos bem. Eu ainda era um mensageiro naquela época, sempre viajando para algum lugar novo. Claro que fui para o Japão, fiquei lá um tempo. Então...

AS: Aokigahara.

ROB: Isso mesmo. Mudou tudo. Voltei para casa depois de cinco anos com um novo hobby. Bobby não ligava para as histórias, mas... A mãe dele morreu repentinamente enquanto eu estava fora; nós dois queríamos começar de novo, estar mais na vida um do outro... Ele veio comigo para o noroeste do Pacífico, rastreando o Sasquatch. A criatura não apareceu, mas Bobby se divertiu acampando, então continuou se juntando a mim. Em pouco tempo ele próprio estava fazendo a pesquisa, organizando viagens, descobrindo rumores de coisas estranhas por todo o país.

AS: Parece um bom passatempo para vocês dois.

ROB: E foi.

AS: Então... Foi Bobby quem descobriu o Jogo da Esquerda/Direita?

ROB: ... Ele me ligou um dia, do nada. Isto foi há cerca de três anos. Disse que encontrou um conjunto de regras; disse que deveríamos experimentar. Para ser sincero, pensei que nossos dias de viagem haviam acabado; eu estava de volta ao Alabama e ele estava começando sua própria família, mas de repente ele me disse para encontrá-lo em Phoenix, então é claro que eu concordei.

AS: E desta vez, vocês dois perceberam que era real.

ROB: Bobby soube assim que chegamos ao túnel. Ele passava por ali todos os dias, sabia que não era para estar ali, mas... Lá estava. Ele disse que foi a coisa mais incrível que já viu. Nós mapeamos isso durante o ano seguinte, sempre que podíamos encontrar tempo juntos, mas avançamos devagar, mapeamos o local e voltamos ao normal. Demorou um pouco até termos coragem de passar a noite na estrada, nós dois estávamos com medo de que o túnel desaparecesse ou algo assim.

Posso dizer que Rob está repassando os acontecimentos em sua cabeça. A lembrança quase o faz sorrir.

ROB: A esposa de Bobby era uma boneca de verdade. Costumava trabalhar em seu escritório. A garota mais gentil que já conheci, engraçada também. Havia uma diferença de dez anos entre eles, mas você poderia dizer que eles eram bons um para o outro. Ele compartilhou tudo com ela, inclusive a estrada. Na verdade, assim que Bobby ficou um pouco mais seguro com as regras, eles começaram a mapeá-las juntos... Explorando seu próprio mundinho.

Após uma breve pausa, a expressão de Rob afunda ligeiramente; a lembrança está ficando mais sombria.

ROB: Alguns meses se passaram, estamos nos falando um pouco menos, mas eu esperava por isso. Então, uma noite, recebi um telefonema do hospital, dizendo que meu filho havia entrado em algum pronto-socorro em Phoenix.

AS: Ele estava bem?

ROB: Não. Ele estava mal. Perna toda quebrada, delirando, perguntando por Marjorie. Eles encontraram a bolsa dela no carro dele, mas... Ela não estava em lugar nenhum.

AS: Bobby a perdeu na estrada.

ROB: Sim, você está certa.

AS: Na nossa segunda noite aqui, depois que perdemos Ace, você me disse que a estrada nunca havia machucado ninguém antes.

ROB: Bem, pelo menos isso não era mentira. Não foi a estrada que a pegou.

AS: ... O que você quer dizer?

ROB: Eles chegaram à floresta. Nenhum de nós tinha chegado tão longe antes, mas... Desta vez eles foram um pouco mais longe do que o normal.

AS: Você sabe por quê?

ROB: Eles iam ter um filho. Marjorie estava quase dando à luz... Não estava viajando muito bem. Acho que eles sabiam que não pegariam a estrada por um tempo. Foi como um último adeus, eu acho.

AS: Mas só Bobby voltou?

ROB: Eles exploraram a floresta até o anoitecer. Quando Bobby disse que eles tinham que voltar... Marjorie não quis. Ele nunca me contou o porquê, nunca me contou o que aconteceu. No final da viagem, Marjorie ainda estava lá fora e ele estava numa cama de hospital.

Rob leva um momento para se recompor, para colocar os fatos em ordem. As árvores estão começando a desaparecer, a luz do sol irrompendo pelas aberturas cada vez maiores na copa. Parece que estamos chegando ao fim da floresta.

ROB: Bobby levou cerca de um mês para se recuperar. Ele estava desesperado para ter sua esposa de volta e, claro, ele se tornaria suspeito do desaparecimento dela. É claro que a primeira coisa que fez foi pegar a estrada para encontrar Marjorie.

AS: Mas ele não conseguiu.

ROB: Não... Não, ele a encontrou. Apenas, uh... Um pouco mais cedo do que ele esperava.

Paro um momento para processar a implicação de Rob. De repente, sinto uma pedra cair no meu estômago.

AS: Ela estava na 34ª curva.

Rob assente solenemente.

ROB: Não era a mulher que ele conhecia, é claro. Ficava lá o dia todo, apenas resmungando sobre a estrada. Nem a reconheci. Lembro que ele me ligou logo depois de vê-la ali pela primeira vez, com o coração partido. Ele tentou quase todos os dias a partir de então, sempre parando naquela curva. Ele gritava, implorava, trazia fotos e presentes, mas... Ela nunca respondia. Não sei se era mesmo ela, mas o que quer que estivesse naquela esquina pertencia à estrada.

ROB: Bobby perdeu algo de si mesmo naquela esquina. Depois de um tempo, seu fascínio pelo jogo azedou e virou ódio. Ele achava que a estrada era algo maligno, que não tinha lugar para se conectar ao nosso mundo.

ROB: Eu estava entrando em contato com ele naquele momento, a cada poucos dias ou mais. Um fim de semana ele disse que estava melhor, até disse que tinha ido trabalhar. Achei que talvez as coisas estivessem mudando, mas... Então ele ficou quieto; não atendeu o telefone por três dias. A essa altura, eu já tinha minha casa em Phoenix e uma chave reserva da casa dele. Foi onde encontrei o bilhete; me dizendo que ele tinha voltado. Uma última tentativa para encontrar sua esposa... E se ele não conseguisse trazê-la de volta bem...

AS: Ele iria destruir o túnel.

ROB: Corte a estrada do mundo. Joguei em Phoenix, Chicago, em alguns lugares diferentes, mas aquele túnel é o que liga você à estrada. Olhei ao redor de sua garagem, encontrei a caixa de um telefone, muitos eletrônicos por todo lado... Ficou bem claro o que ele tinha feito. Então eu pulei no meu carro.

Saímos da floresta e entramos numa estrada longa e estreita. Ao longe, posso ver nossa rota serpenteando por uma imponente parede de arenito, desaparecendo em um conjunto de montanhas onduladas.

ROB: Ele passou por mim no caminho de volta, pouco antes de eu chegar ao Jubilation. Trovejando pela estrada a toda velocidade, dirigindo como um louco. Foi quando eu soube que ele não a tinha encontrado... Que ele iria destruir o túnel, acabar com o jogo de uma vez por todas.

AS: Mas ele nunca chegou tão longe.

ROB: Eu tentei falar com ele. Liguei para o celular dele, tentei as frequências de rádio, tinha um número na documentação do cartão SIM que ele tinha, Deus me ajude, até mandei uma mensagem para ele sobre isso. No final éramos só eu e ele, correndo de volta para Phoenix. Ele era mais rápido que eu, mas eu estava dirigindo melhor. Depois de algumas curvas ruins eu o alcancei...

AS: Você o tirou da estrada.

Rob olha para os cumes distantes, com as mãos agarradas ao volante.

ROB: O serviço de celular não funciona através do túnel. Ele sabia disso. Ele iria explodir deste lado... Ou enquanto estivesse lá.

AS: Então você estava tentando salvá-lo ou salvar a si mesmo?

ROB: Nenhum dos dois. Eu estava tentando salvar a estrada... Diga o que quiser sobre esse lugar, Srta. Sharma, mas é uma porta de entrada diferente de tudo o que já conhecemos. É o caminho para sair... Da realidade. Pode ser a fronteira mais significativa que já cruzamos e isso... Parte de mim sabia, que era importante demais para um homem tirar.

Pela segunda vez hoje, Rob luta contra as lágrimas e, pela segunda vez, ele falha. Eles rolam silenciosamente por sua bochecha enquanto ele continua.

ROB: Ele estava mais ferido do que eu pensava. Ele se machucou muito antes de chegar até mim, por isso estava indo para o túnel tão rápido. Ele queria destruí-lo enquanto ainda podia.

ROB: A estrada tirou quase tudo dele, e então eu peguei o resto... Eu neguei a ele sua esperança, tirei sua chance de deixar o mundo em seus próprios termos. No final ele nem parecia bravo... Apenas perguntou por Marjorie. Me perguntou por que ela fez isso, por que ela foi embora. Eu o coloquei para descansar lá, visitei o local com frequência, mas... Nunca tive uma boa resposta para ele. Foi quando comecei a preparar a próxima corrida.

AS: Então você postou os registros dele online e fingiu que os descobriu.

ROB: Achei que as pessoas fariam menos perguntas dessa forma.

AS: E onde todos nós nos encaixamos nisso? Por que você nos trouxe aqui com você?

ROB: Acho que... Pensei que já era hora de o mundo saber. Não queria que tudo isso acabasse sendo segredo de um velho. Juro por Deus, se eu soubesse que a estrada iria... Juro que nunca teria trazido você aqui.

As feições de Rob se contraem, toda a sua vergonha e culpa vindo à tona. Não posso dizer que não seja merecido. Apesar das suas intenções, apesar da sua penitência, o homem cegou-se para eliminar os perigos, feriu as pessoas mais próximas e, numa estrada onde os segredos mataram tantas pessoas, ele guardou o mais significativo de todos.

Bem, talvez não seja o mais significativo.

AS: Você não nos trouxe aqui, Rob.

Rob se vira para mim, confuso.

AS: Conheci alguém na floresta ontem à noite, uma figura, igual à que você viu no Japão, “parecia a estática que você vê na tela da TV”... Acho que vi você e acho que nos encontramos pela primeira vez muitos anos atrás...

No meu estado atual, a mecânica do acontecimento e as suas impressionantes implicações estão além da minha capacidade explicativa. No final, apenas levanto meu braço direito perdido e espero que Rob faça a conexão.

Um momento depois, o carro freia bruscamente.

Rob olha para frente, os nós dos dedos brancos contra o volante. Estou ciente de que, sob suas feições impassíveis, cada centímetro quadrado de massa cinzenta está lutando para processar a nova revelação. Se for verdade que, naquela floresta repleta de mistérios, de alguma forma, décadas atrás alcancei um jovem Rob Guthard, então isso muda tudo. As narrativas distorcidas que nos levaram a este ponto, a obsessão crescente de Rob, o destino trágico de seu filho, todos criaram raízes naquele único momento. Mais de uma década antes do meu nascimento, eu nos coloquei no caminho que me levaria à sua porta.

Por mais caótica que a estrada pareça, aquele momento na floresta sugere algo mais profundo, algo intencional.

Rob sai do carro por um tempo, antes de voltar silenciosamente e ligar o Wrangler. A partir daí continuamos como dois passageiros silenciosos, perdidos em pensamentos, desaparecendo nas montanhas de arenito.

Viajamos pela estreita estrada montanhosa pelas próximas duas horas, uma parede de rocha torta nos cercando. Quando passamos para o outro lado, e o afloramento desaparece, a paisagem abaixo de nós mudou completamente, e somos brindados com uma visão estranha e de tirar o fôlego.

O Wrangler está atravessando os penhascos acima de um vasto e plano deserto; uma tundra de laranja vibrante que se estende até onde a vista alcança. Consigo distinguir a estrada, abrindo um caminho sinuoso na areia bem abaixo de nós. No centro desta paisagem sem fim,

uma coleção de estruturas monolíticas, imponentes colunas de vidro e metal, erguem-se do solo, conectadas por uma teia de longas ruas perpendiculares.

AS: Há uma cidade... Há uma cidade na estrada.

Rob mantém os olhos à frente. Apesar da majestade épica da paisagem urbana abaixo de nós. Posso dizer que ele está pensando em outro lugar, que ainda está digerindo o conteúdo da nossa entrevista. No final, acho melhor deixá-lo sozinho com seus pensamentos.

Ficamos na montanha por mais vinte minutos, antes de finalmente descermos para o chão do deserto. O espaço à nossa frente é bicolor; o açafrão acentuado do deserto e o céu azul profundo, separados por um horizonte fino e uniforme. Os únicos objetos que cruzam essa fronteira perfeita são as enormes torres cinzentas da cidade, erguendo-se da areia e irrompendo nos céus.

Serpenteamos ao longo da estrada deserta, a cidade se agigantando cada vez mais à medida que tentamos nos aproximar da fronteira. Há um contraste estranho com o limiar quando o atravessamos; o brilho acobreado da areia muda para cinza, o calor escaldante esfria instantaneamente e, talvez o mais notável, o pouco som que havia desapareceu totalmente. À medida que avançamos por uma paisagem vazia e perfeitamente conservada, percebo que não consigo ouvir nada, exceto os estrondos constantes do Wrangler.

AS: Está quieto.

ROB: Por mim, tudo bem.

AS: Quem você acha que construiu este lugar?

ROB: Eu não sei. Talvez seja o que nos trouxe aqui. Pode ser que ninguém o tenha construído... Talvez simplesmente exista.

Eu me pergunto se ele está certo. É difícil pensar que tal lugar existiria para qualquer propósito prático. A cidade parece, de alguma forma, como se tivesse sido construída a partir de conjecturas, por um arquiteto que só tinha ouvido falar de cidades através de rumores mal traduzidos. Todas as características amplas estão presentes, arranha-céus, postes de iluminação, plataformas de limpeza de janelas, mas nada mais profundo. É uma concha vazia. Um enfeite no meio do deserto.

À medida que viramos nas próximas estradas, olho para as estruturas monolíticas, cada uma com pelo menos cem andares de altura. Meus olhos percorrem as inúmeras camadas de janelas escuras, enquanto contemplo como seria viver em um lugar assim.

Quando chego ao andar térreo, recebo minha resposta.

Há um jovem parado na janela do térreo, com a mão apoiada no vidro. Ele está vestindo um terno cinza escuro e tem uma expressão de choque quase hipnótico. Sua boca aberta, suas mãos tremendo, seus olhos fixos olhando além de nós enquanto o Wrangler passa.

Meus olhos percorrem rapidamente a fachada de vidro do arranha-céu, examinando cada fileira de janelas. Eu ingenuamente esperava que os prédios estivessem vazios, que este lugar não passasse de uma colossal cidade fantasma. Agora que sei o contrário, cada painel de vidro parece uma piscina escura de água; ainda na superfície, mas com um potencial sinistro escondido em suas profundezas.

Alguns segundos depois, mais deles surgem. Não há muitos no início; apenas algumas figuras dispersas aproximando-se das janelas, pressionando-se contra o vidro. No entanto, como uma leve chuva que irrompe num aguaceiro, a frequência de aparições rapidamente duplica, depois triplica, até que não haja um único espaço desocupado. O Wrangler encolhe, sujeito ao escrutínio de inúmeros indivíduos, em todos os andares, em todas as janelas, todos vestidos com o mesmo traje formal monocromático e olhando para nós como os emissários de um grande tribunal. À medida que o Wrangler passa, eles continuam olhando para frente, embora seja claro que estão cientes da nossa presença.

AS: Rob. Rob, há-

ROB: Eu também os vejo.

Rob coloca o pé no acelerador, livrando-se do peso de mil pares de olhos ao deixar o prédio para trás. À medida que a última coluna de janelas passa por nós, olho para trás, na esperança de vê-las retornar às profundezas do edifício. Em vez disso, nesses últimos momentos, testemunhei seu comportamento coletivo se transformar em um frenesi desesperado, suas bocas se abrindo em um grito silencioso enquanto eles batiam os punhos contra os vidros.

Virando-me, olho para os edifícios que atualmente flanqueiam nosso veículo. As figuras já chegaram às janelas e a calma já está acabando.

AS: Rob, precisamos ir mais rápido.

ROB: Estou cuidando disso.

O Wrangler rosna com ferocidade renovada enquanto Rob pisa ainda mais no acelerador. Nós cambaleamos em direção à próxima curva, acelerando na estrada enquanto Rob procura por curvas escondidas. Eu me mexo dolorosamente no assento, de olho na cena que se desenvolve atrás de nós.

Cacos de janelas quebradas começam a chover no asfalto. Observando os pedaços quebrados caindo no ar, fica evidente que o silêncio nesta cidade não se deve simplesmente à falta de

atividade. A torrente de vidro estilhaçado é completamente silenciosa, mesmo quando se choca contra o solo impermeável.

Nada nesta cidade faz barulho. Nada exceto nós.

O estrondoso motor do Wrangler nunca soou tão alto.

Olhando para cima, vejo centenas de mãos agarrando os caixilhos das janelas quebradas, incapazes de me afastar enquanto milhares de sapatos pretos engraxados passam pela soleira. As figuras fluem de todos os andares, formando um dilúvio incompreensível de humanidade.

A primeira onda atinge o solo, com cada vez mais pessoas pousando contra eles; um monte de figuras emaranhadas lutando para se separar. Assim como os moradores de Jubilation e todos os outros que encontramos na estrada, eles parecem imunes ao dano fatal que tal ato deveria causar. Aqueles que caíram de pé quase não param, virando-se para nós e correndo atrás do Wrangler. Não demora muito para que o resto da massa contorcida se resolva, os seus indivíduos constituintes juntam-se à debandada frenética, à sua carga caótica e aos seus gritos desesperados desprovidos de qualquer som perceptível.

Mesmo no meio da perseguição frenética, enquanto uma ameaçadora chuva de vidro cai de cada prédio por onde passamos, o mundo lá fora permanece em silêncio; o caos torna-se ainda mais incompreensível quando comparado com a quietude impiedosa em que ocorre.

O Wrangler guincha pela esquina, entrando em uma rua longa e aberta. A estrada à frente é ladeada por arranha-céus que parecem seguir rumo ao horizonte. À medida que avançamos pelo próximo trecho da estrada em direção a um grande cruzamento, a multidão cada vez maior irrompe na rua atrás de nós, tomando a esquina com coordenação suprema e continuando incansavelmente em nossa direção.

Uma fração de segundo depois, sou atingida por uma ideia abrupta e generalizada. Parece diferente de qualquer pensamento que já tive, menos uma noção e mais um híbrido presciente de intuição e déjà vu, como se o curso de ação que devemos tomar fosse óbvio para mim, apesar de eu não saber por quê.

Eu forço minha voz acima de um sussurro áspero.

AS: Rob. Precisamos deixar cair algo atrás de nós... Algo barulhento.

ROB: O que você está pensando?

AS: Eu uh... Você só precisa confiar em mim, ok? Ainda temos a maior parte do explosivo plástico, você poderia-

ROB: Não, se você tirou o detonador, não tenho tempo de fazer um novo.

Os olhares de Rob para o retrovisor e depois de volta para a estrada. Quase posso ouvir as engrenagens girando em sua cabeça.

ROB: Mas esse é o único explosivo a bordo. Acha que pode dirigir?

AS: Acho que vamos ter que descobrir.

O carro tropeja pela pista enquanto eu seguro o volante desajeitadamente, me deslocando e pisando no acelerador. Rob se levanta e passa por mim e entra na traseira do Wrangler. No meu estado de fraqueza, cada movimento trêmulo faz meus ossos tremerem. A cada mudança de marcha subsequente, sou forçada a tirar a mão restante do volante e estendê-la para a marcha. O esforço é precário e desajeitado, meus membros doloridos manipulados pela força de vontade e pela adrenalina, cada segundo que passa é uma batalha para manter o controle.

As janelas à frente estão começando a quebrar. O barulho do Wrangler está aumentando e a cidade inteira começa a antecipar nossa chegada. Atrás de mim, ouço o rasgar da fita adesiva e de tecido e o barulho da bagagem caindo. Não tenho certeza do que está acontecendo atrás de mim. Só preciso confiar que Rob tem um plano.

Ouçõ a porta traseira se abrir pouco antes de chegarmos ao cruzamento, um som metálico raspando no chão do Wrangler e um grunhido de dor de Rob quando ele joga algo na estrada atrás de nós.

Chegando ao cruzamento, deslizo a mão ao longo do volante e giro-o bruscamente para a direita. Quando o carro dá uma guinada e segue para a próxima estrada, sinto meu coração afundar dramaticamente. Fomos ultrapassados. As janelas à nossa frente estão quebradas, as portas da frente estão quebradas na rua e os desesperados habitantes do prédio correm em nossa direção, bloqueando nosso único meio de fuga.

Bato o pé no freio e o Wrangler estremece até parar, o motor morre e desliga. As ruas estão agora transbordando, um enxame esmagador convergindo para a nossa posição vindo de quatro direções. Olho de volta para Rob, e ele encontra meu olhar, seus olhos cheios de determinação consternada.

Uma explosão estremece o ar atrás de nós. Olho pela janela traseira e vejo um galão quebrado, uma das agora supérfluas reservas de combustível de Rob, sua carcaça verde-escura violentamente comprometida, seu conteúdo espalhado pela estrada e incendiado. Agora que o motor não está funcionando, o eco da explosão e do rugido da chama primitiva preenche o ar da tarde.

A trajetória da multidão enlouquecida muda instantaneamente, o silencioso Wrangler desapareceu de sua atenção coletiva, enquanto eles voltam a se concentrar nas chamas

latentes. Os que estão à frente continuam a passar por nós, contornando o Wrangler enquanto correm para a poça de gasolina derramada, enfiando as mãos nas chamas, agarrando-se desesperadamente ao fogo.

Delicadamente, com cuidado para não fazer barulho, saio do banco do motorista e me junto a Rob na parte de trás do Wrangler.

Ele se dirige a mim em um sussurro confuso.

ROB: Por que eles não se importam conosco? O que eles estão fazendo?

AS: ... É o som. Eles querem isso para si mesmos.

Não sei como tenho tanta certeza, mas sei que é o caso. O galão range e grita enquanto os moradores da cidade o rasgam em pedaços cada vez menores, examinando freneticamente cada pedaço irregular. A cada segundo que passa, à medida que o fogo se apaga, a multidão fica cada vez mais angustiada, como se um bem precioso estivesse escorregando entre seus dedos.

AS: Eles não entendem isso. Eles vão desmontá-lo tentando descobrir e nunca chegarão mais perto... E então tudo ficará quieto novamente.

ROB: De onde você tirou isso?

AS: Não sei, só um... Só um sentimento.

ROB: Bem... Tenho certeza que eles também teriam nos desmontado. Eu diria que temos muita sorte.

AS: Haha, sim... Muita sorte.

À medida que o resto da gasolina se esgota e o fogo se extingue, os moradores da cidade permanecem nas ruas. Desprovidos de seu senso de propósito momentâneo, seu prêmio desaparecendo no éter, o desespero da multidão se transforma em um desânimo silencioso. Eu os observo enquanto eles passam, incontáveis rostos devastados pela tristeza, seu arrastar de pés sem rumo formando um mar solitário, um oceano em tons de cinza que atravessa a cidade desolada.

O Wrangler está agora à deriva no centro daquele oceano. É claro que qualquer tentativa de ligar o motor derrubaria a cidade inteira sobre nós, reacendendo sua esperança fútil, fazendo-os destruir o carro e qualquer coisa dentro dele.

Num futuro próximo, estaríamos completamente presos.

ROB: Não se preocupe com isso, ok?

AS: Eu não acho que eles vão deixar Rob.

ROB: Eles vão embora.

AS: Ok... E então? Eles ainda estarão em todos os lugares.

ROB: Ei, somos um par inteligente. Vamos pensar em alguma coisa.

Na calma misteriosa e generalizada que nos rodeia, sento-me ao lado de Rob e encosto-me na parede, sem mais nada para fazer a não ser esperar que a nossa situação mude. Depois de observar as figuras do lado de fora por mais de uma hora, a única coisa diferente é uma estranha sensação de agulhada que parece emanar do antebraço agora ausente.

AS: Meu, uh... Meu braço dói... Como isso é possível-

ROB: Não se preocupe, isso é... Chama-se membro fantasma. Você tem alguma sensação, certo? Como se você ainda tivesse alguma coisa aí? Muitas pessoas sentem isso depois de amputações. Aqui...

Rob pega seu kit médico e retira um frasco azul de comprimidos. Tirando a tampa, ele tira dois comprimidos.

ROB: Você vai precisar disso para a dor.

Olho para os comprimidos por um momento, antes de pegá-los na palma da mão aberta. Ele me passa seu cantil e eu o engulo em dois goles fracos.

AS: Você tem muita experiência com amputações?

ROB: ... Mais do que você imagina.

Minha testa franze. Embora eu quisesse dizer que meu comentário era uma brincadeira passageira, a resposta de Rob soa com uma estranha sinceridade. Demoro um momento para perceber porque isso acontece.

AS: Esqueci... Você foi convocado. Você nunca falou sobre isso.

ROB: Tenho pensado muito sobre isso. Um bando de estranhos reunidos sob falsos pretextos, informados de que estávamos servindo a um grande propósito por algum velho mentiroso. Acho que é interessante como o tempo se repete. Agora que penso nisso, ele também dirigia um jipe.

AS: Rob... eu te disse, você não nos trouxe aqui-

ROB: Isso não muda nada. Não muda o que eu fiz... Com você, com Bobby, com nenhum deles. Talvez você estivesse lá na floresta, mas fui eu quem começou isso, quem ficou perguntando o que havia no final da estrada.

AS: O que você acha que está no final, Rob?

ROB: Estou começando a pensar que não cabe a mim descobrir. Há tanto tempo que ando de um lugar para outro, vi todos os outros se acalmarem. Pelo que posso ver, o fim da estrada é exatamente onde você decide parar.

Descanso minha cabeça no ombro de Rob. Ele gentilmente coloca o braço em volta de mim. Não demora muito para que a medicação comece a fazer efeito, ultrapassando silenciosamente minha consciência já enfraquecida. A dor diminui, entorpecida junto com o resto dos meus sentidos. O sol ainda brilha através do para-brisas enquanto meus olhos começam a se fechar.

Observo as figuras passando pela janela, minhas pálpebras ficando mais fracas.

AS: Eu não quero que isso seja o fim, Rob.

ROB: Eu sei, senhorita Sharma, eu sei.

A última coisa que vejo antes de cair num sono artificial sem sonhos é a mão de Rob Guthard pegando o rifle.

Quando meus olhos se abrem, o sol está começando a se pôr.

Fiquei comovida. À medida que minha visão se ajusta, fica claro que ainda estou no Wrangler. Minha cabeça apoiada em uma pilha de roupas limpas, um cobertor macio de viagem sobre mim.

Olho ao redor e descubro que Rob não está em lugar nenhum.

Esquecendo momentaneamente a paisagem ao meu redor, tento chamá-lo. A sílaba fica presa na minha garganta quando uma figura cambaleante passa pela janela, torcendo as mãos em desespero e lançando uma longa sombra através do carro.

Com um renovado senso de cautela, deslizo o cobertor para o lado e lentamente caminho até a frente.

A cabine está igualmente vazia, exceto por um único pedaço de papel, arrancado do meu caderno. Encontra-se no banco do motorista, um pequeno objeto escondido na dobra. Quando abro, encontro meus fones de ouvido e seis palavras bem escritas:

“Canal Um para Todos os Carros”

Minha mão começa a tremer enquanto coloco o bilhete no painel, subindo lentamente e me colocando suavemente no banco do motorista. Com o coração na garganta, insiro os fones de ouvido na tomada do rádio, respiro fundo e pressiono o primeiro botão.

AS: Rob?

ROB: Eu sinto muito, senhorita. Sharma.

AS: Rob, onde você está?

ROB: Um pouco mais adiante. Fui até um dos telhados. Eu sei que sempre odiei cidades, mas, uma vez acima delas, a vista é realmente incrível.

AS: Volte, Rob. Volte por favor.

ROB: Eu gostaria de poder, mas ambos sabemos que essas coisas não vão embora. E você precisa do carro para chegar aonde quer que você vá, então... O melhor que posso fazer é causar confusão e tirá-los do seu caminho.

Descanso a cabeça no volante, me preparando para o peso de suas palavras.

AS: Eu não posso fazer isso sem você.

ROB: Não acho que isso seja verdade, senhorita Sharma. Acho que o que quer que esteja nesta estrada... Quer que você chegue até o fim. Tudo o que eu deveria fazer era trazer você até aqui. Agora você não precisa mais ouvir isso, você pode se virar e ir para casa... Mas de qualquer forma, apenas um de nós vai sair daqui. Então acho que a única pergunta que resta é... Qual caminho você quer seguir?

AS: Bem... Você está na minha frente ou atrás de mim?

ROB: Posso estar em qualquer lugar. A escolha é sua, senhorita Sharma.

Após as palavras de Rob, à sombra de sua decisão, fico em silêncio; não porque a escolha seja difícil, mas porque tenho vergonha de ser tão fácil. Foi feita no momento em que entrei no Wrangler pela primeira vez e renovada em cada momento desconcertante desde então. A necessidade de saber, de compreender, de descobrir a verdade esteve comigo durante toda a

minha vida, mas nunca imaginei que as suas raízes fossem tão profundas, que duraria tão ardentemente quando todo o resto, todas as outras pessoas, tivessem sido arrancadas.

Olho pelo espelho retrovisor e me vejo pela primeira vez, e tenho que admitir que estou com medo.

AS: Fique onde você está, Rob.

ROB: Haha... Ok, senhorita Sharma... Você está pronta?

AS: ... Sim. Estou pronta.

ROB: Tudo bem então... Suponho que já é hora dessa coisa fazer algo de bom.

O tiro explode no rádio, antes que um eco fraco e estrondoso me alcance no ar tranquilo da cidade.

O seu efeito sobre os moradores da cidade é imediato. A melancolia coletiva deles se desfaz num instante, substituída por uma fixação renovada. Antes que eu perceba, a multidão heterogênea se une mais uma vez em uma horda em disparada, passando correndo pelas janelas do Wrangler e voltando pela estrada em direção à fonte do barulho.

ROB: Eles estão a caminho?

Enquanto o último morador da cidade desaparece atrás de mim, passo a mão pelo volante e desço até a ignição.

AS: Sim... Sim, eles estão a caminho.

ROB: Ok então... O que você está esperando?

Com um giro fatídico da chave, o Wrangler ruge de volta à vida. As rodas batem no asfalto, me transportando pelas ruas da cidade. Ao me afastar do cruzamento, vejo um pequeno contingente de perseguidores correndo atrás de mim.

Rob dispara o rifle novamente, mantendo a atenção da maioria. Posso ver os retardatários caírem pelo meu espelho retrovisor, perdendo terreno para o Wrangler.

Pego a primeira curva à esquerda, depois a próxima à direita possível, depois outra à esquerda, alguns minutos depois finalmente me encontro no último trecho da estrada, me levando de volta ao vasto e vazio deserto.

ROB: Então, você vai conseguir?

AS: Sim, eu vou conseguir.

ROB: Bom. Isso é bom. Senhorita Sharma, se, uh... Se você encontrar Marjorie, se tiver a chance de me avisar... Bem, é mais do que eu mereço, mas-.

AS: Claro... Claro que vou.

ROB: Eu apreciaria isso. Ok, eles estarão aqui em breve, então... Vou deixar o rádio em silêncio por um tempo. Se eu ligar, você saberá que consegui escapar. Se eu não ligar... Você simplesmente presume que consegui escapar, ok?

AS: Por favor, me diga que você vai ficar bem, Rob.

ROB: ... Foi uma verdadeira honra dirigir com você, senhorita. Sharma.

O som de um tiro final reverbera pelo rádio, seu eco abafado pelo ronco do motor do Wrangler. O mundo muda ao meu redor quando saio da cidade e volto para a estrada deserta.

O caminho a seguir está repleto de imensas possibilidades, mas enquanto desapareço na vastidão do deserto, só consigo pensar no que deixei para trás. Rob J Guthard tinha suas falhas, marcadas pela perda, movidas pela obsessão, suas boas intenções muitas vezes abrindo caminho para a tragédia e o desgosto.

À medida que as lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, decido me lembrar dele de forma diferente; como um amigo valioso, um bom homem e, acima de tudo, uma grande história.

Não importa o que você diga.